



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE FARMÁCIA

**AValiação APLICABILIDADE DO INSTRUMENTO “QUESTIONÁRIO DE
IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PARA
FARMACÊUTICOS”: UM ESTUDO PILOTO**

ALEX RIBEIRO DE SOUZA

SÃO CRISTÓVÃO

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE FARMÁCIA

ALEX RIBEIRO DE SOUZA

**AVALIAÇÃO APLICABILIDADE DO INSTRUMENTO “QUESTIONÁRIO DE
IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PARA
FARMACÊUTICOS”: UM ESTUDO PILOTO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Farmácia da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Barros da Silva
Co-Orientadora: Prof.Msc. Geovanna Cunha Cardoso

SÃO CRISTÓVÃO

2018

ALEX RIBEIRO DE SOUZA

AVALIAÇÃO APLICABILIDADE DO INSTRUMENTO “QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM PARA FARMACÊUTICOS”: UM ESTUDO PILOTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Farmácia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Aprovado em: __/__/__

Orientador. Prof. Dr. Wellington Barros da Silva

1º Examinador. Prof. Dr. Marcelo Cavalcante Duarte

2º Examinador. Prof^a. Msc. Geovanna Cunha Cardoso

PARECER

.....
.....
.....
.....
.....
.....

SUMÁRIO

1 Introdução	4
2 As teorias da aprendizagem.....	5
2.1 A teoria da aprendizagem experiencial de Kolb.....	5
2.2 O pharmacist's inventory learning style (PILS).....	7
2.3 A Adaptação transcultural do instrumento PILS.....	9
3 Objetivos.....	11
3.1 Objetivo geral.....	11
3.2 Objetivos específicos.....	11
4 Procedimento metodológico	12
4.1 Delineamento do estudo	12
4.2 Adaptação transcultural do instrumento	12
4.3 Estudo piloto	12
4.4 Tratamento e análise dos dados	13
4.5 Aspectos éticos	14
5 Resultados e discussões	15
6 Considerações finais	18
7-Referências bibliográficas.....	20
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	26
ANEXO A Questionário de Identificação dos Estilos de Aprendizagem para Farmacêuticos..	27

RESUMO

No Brasil, são escassas as investigações sobre os estilos de aprendizagem, sobretudo as tentativas de mensuração deste construto, através de instrumentos padronizados para sua utilização no contexto educacional. Trabalhamos nesse estudo com o PILS “Pharmaceuticals’ Inventory of learning styles” pós traduzido e adaptado por Cardoso (2015). Contudo, nesse estudo avaliamos a aplicabilidade do instrumento “questionário de identificação dos estilos de aprendizagem para farmacêuticos” nos estudantes de farmácia do Brasil, caracterizando os estilos de aprendizagem dos estudantes, assim como avaliar se o PILS pós traduzido e adaptado encontra-se de acordo com a realidade brasileira. Para tanto, fizemos um estudo piloto com 122 alunos das cinco regiões do Brasil, identificando que os estudantes de farmácia possui em sua maioria estilo assimilador e convergente, podendo os professores criar novas estratégias de melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem de acordo com esses estilos.

Palavras-chave: PILS, aplicabilidade, estilos de aprendizagem, alunos de farmácia.

ABSTRACT

In Brazil, research on learning styles is scarce, especially the attempts to measure this construct through standardized instruments for use in the educational context. We work in this study with the PILS "Pharmaceuticals' Inventory of learning styles" post translated and adapted by Cardoso (2015). However, in this study we evaluated the applicability of the instrument "questionnaire identifying the learning styles for pharmacists" in pharmacy students in Brazil, characterizing the students' learning styles, as well as assessing if the translated and adapted PILS is in agreement with the Brazilian reality. To do so, we conducted a pilot study with 122 students from five regions of Brazil, identifying that pharmacy students are mostly assimilating and convergent, and teachers can create new strategies to improve teaching and learning quality according to these styles

Key words: PILS, applicability, learning styles, pharmacy students.

1-Introdução

As últimas décadas do século XX foram marcadas por mudanças no contexto da educação com objetivo no desenvolvimento de conceitos e instrumentos que viabilizem ao sujeito que aprende passar a controlar seu processo de aprendizagem (BARTALO, 2006). Uma das ferramentas existentes para contribuir nesse aspecto é o conhecimento dos estilos de aprendizagem. Dessa forma, esses modelos visam categorizar as diferentes formas de retenção, processamento e organização da informação recebida pelo indivíduo.

Várias teorias se propõem a explicar os estilos de aprendizagem, sendo difícil estabelecer um consenso, pois grande parte destas apresenta conceitos e modelos com diferenças significativas entre si (CASSIDY, 2004; ROMANELLI, BIRD, RYAN, 2009; COFFIELD et al., 2004; PASHLER et al., 2008). Diante desse cenário, sua relevância para o ensino pode ser explicada pelo desenvolvimento de uma variedade de teorias, métodos e escalas utilizadas para categorizar os estilos e estratégias de aprendizagem (ENGELS e GARA, 2010).

Nesta perspectiva, o interesse por compreender como se processa a aprendizagem tem implicado no desenvolvimento de modelos que categorizem os estilos e estratégias de aprendizagem. Entre esses, um dos mais influentes modelos de estilo de aprendizagem foi desenvolvida por David Kolb na década de 70 a chamada Teoria da Aprendizagem Experiencial, que concebe a aprendizagem como um processo cíclico (CERQUEIRA, 2000).

Nesse sentido, avaliar os estilos de aprendizagem através da Teoria da Aprendizagem Experiencial pode ser um caminho positivo no processo educacional, pois o professor e o aluno podem encontrar maneiras adequadas para tornar o ensino mais efetivo, elevando assim, a qualidade do aprendizado..

Dessa forma, trabalhamos nesse estudo com o Pharmacist's Inventory Learning Style (PILS), instrumento esse desenvolvido e validado por Austin no Canadá, com base no modelo de aprendizagem experiencial de Kolb e no modelo de validação de construto de Merrit e Marshall (1984). Para tanto, utilizamos o instrumento pós traduzido e adaptado para versão brasileira com o estudo de (CARDOSO, 2015), afim de avaliar as propriedades psicométricas da versão brasileira do PILS, verificando se o instrumento é compreensível, assim como, identificando os estilos de aprendizagem dos alunos de graduação em farmácia do Brasil.

De acordo Beaton et al. (2000), o instrumento era para ser aplicada entre 30 e 40 estudantes de graduação de Farmácia. Como a versão pré-final foi aplicada somente com 13 estudantes de graduação em Farmácia que correspondeu 27,1% dos entrevistados no estudo por

Cardoso (2015), ampliamos esse estudo utilizando uma amostra maior, delimitando as cinco regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste), afim de verificar se os entrevistados entenderam o significado das questões e responderam adequadamente. Percebemos que a maioria dos estudantes de farmácia são assimiladores e convergentes, sendo um fator positivo para as universidades conhecer e desenvolver os diferentes estilos de aprendizagem.

2- AS TEORIAS DA APRENDIZAGEM

Existem diferentes teorias que abordam o conceito de estilos de aprendizagem, elaboradas por diferentes autores (FELDER; SOLOMAN, 1991; FELDER; SILVERMAN, 1988; KOLB, 1984). Um dos mais influentes modelos de estilos de aprendizagem foi desenvolvido na década de 70 por David Kolb, denominada: Teoria da Aprendizagem Experiencial, que concebe a aprendizagem como um processo cíclico (CERQUEIRA, 2000).

2.1-A TEORIA DA APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL DE KOLB

Nesta perspectiva, a aprendizagem experiencial proposta por Kolb (1984) retrata

(...) que o conhecimento é um processo de transformação, sendo continuamente criado e recriado...A aprendizagem transforma a experiência tanto no seu caráter objetivo como subjetivo (...) (KOLB, 1984 p.48)

Nesse sentido, o homem é um ser integrado ao meio natural e cultural, capaz de aprender a partir de sua experiência, mais precisamente, da reflexão consciente sobre a mesma. Uma pessoa aprende motivada por seus próprios propósitos, isto é, empenha-se deliberadamente na obtenção de aprendizado que lhe faça sentido (PIMENTEL, 2007).

A Teoria da Aprendizagem Experiencial ocorre quando o indivíduo percebe e processa a informação através da experiência. Essa interação propõe duas dimensões de aprendizagem: a percepção (apreensão) da informação, através da experiência concreta e conceituação abstrata; e o processamento (transformação) desta, por meio da observação reflexiva e experimentação ativa (KOLB, 1984). Quanto ao processamento da informação a dimensão pode ser ativa (o processamento ocorre fazendo-se algo), ou reflexiva (o processamento ocorre pensando em alguma coisa).

O Ciclo da Aprendizagem Experiencial proposto por Kolb pode ser observado na figura abaixo:

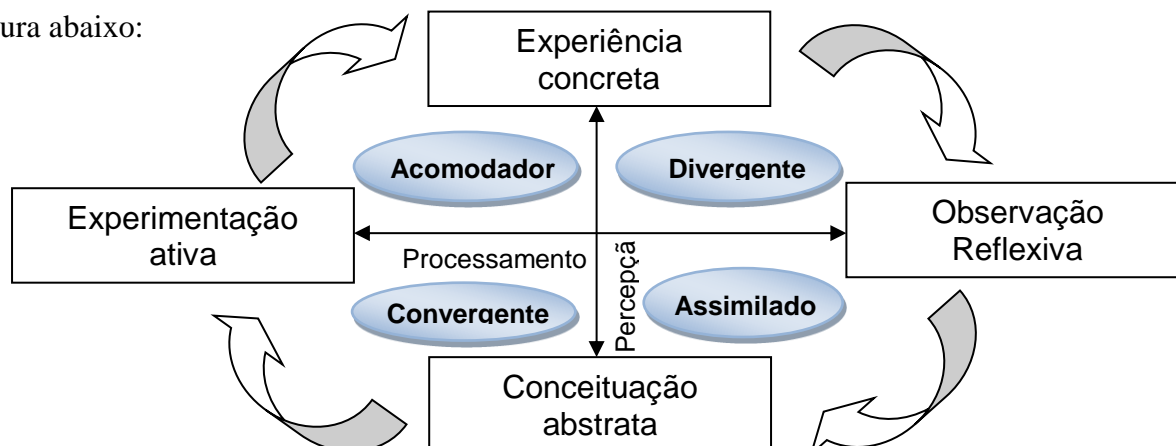


Figura 1. Modelo da Teoria da Aprendizagem Experiencial de Kolb. Adaptado de Kolb (1984).

A intersecção das duas dimensões de aprendizagem acaba por gerar quatro quadrantes que indicam os possíveis modos (estilos) de resposta às situações de aprendizagem: divergente, assimilador, convergente e acomodador. O aprendiz eficaz seria aquele que utiliza os quatro estilos, gerenciando-os conforme a demanda da tarefa, porém as pessoas têm diferentes formas de perceber e processar as experiências vividas, e tendem a repeti-las indiferentes à natureza da tarefa (SILVA, 2012).

Para Kolb, essa forma padronizada de atender às demandas e tarefas é denominada estilos de aprendizagem (KOLB et al., 2000, 2005).

Kolb e Kolb (2005) afirmam que

“o conceito de estilo de aprendizagem descreve as diferenças individuais na aprendizagem com base na preferência de gerenciamento do aluno para trabalhar nas diferentes fases do ciclo da aprendizagem”.

Os quatro estilos de aprendizagem do modelo de Kolb (Coffield et al., 2004), se caracterizam da seguinte forma, expressado por Cardoso (2015):

- Estilo acomodador (concreto, ativo): enfatizam a experiência concreta e experimentação ativa; se adaptam bem às circunstâncias imediatas; aprendem, sobretudo, fazendo coisas, aceitando desafios, tendendo a atuar mais pelo que sentem do que por uma análise do tipo lógica. Intuitivos, resolvem os problemas por ensaio e erro. Apoiam-se nos outros para busca de informação;
- Estilo divergente (concreto, reflexivo): enfatizam a experiência concreta e observação reflexiva. São indivíduos que se destacam por suas habilidades para contemplar as situações de diversos pontos de vista e organizar muitas relações em um todo significativo. São denominados

divergentes porque atuam bem nas situações que pedem novas ideias. São criativos, geradores de alternativas, reconhecem os problemas e compreendem as pessoas;

- Estilo assimilador (abstrato, reflexivo): preferem conceituação abstrata e observação reflexiva. Gostam de raciocínio indutivo e de criar modelos teóricos. Estão mais preocupados com ideias e conceitos abstratos do que com as pessoas. Achem mais importante que as ideias soem lógicas do que práticas;
- Estilo convergente (abstrato, ativo): baseia-se principalmente na conceituação abstrata e experimentação ativa. São bons na resolução de problemas, tomada de decisão, aplicação prática das ideias e em situações como testes de inteligência convencionais.

De acordo com (FELDER, 1993), tais estilos podem ser compreendidos e exercer influências marcante no processo de ensino e aprendizagem. Quanto aos professores também podem se beneficiar de uma maior compreensão de estilos de aprendizagem como meio para adaptar seus estilos de ensino e melhor atender às necessidades dos alunos (TEEVAN, SCHLESSELMAN, 2011); principalmente porque favorecem o planejamento e as estratégias de ensino potencializando a efetividade desse processo.

Diante do exposto, a identificação dos estilos de aprendizagem dos estudantes pode ser uma estratégia interessante para reduzir a frustração e melhorar a aprendizagem e tem sido recomendada por diversas organizações de todos os níveis educacionais (PASHLER et al., 2008). No cenário da educação farmacêutica, esses instrumentos têm sido utilizados como um veículo para promover auto-reflexão entre membros de universidades, professores, preceptores e estudantes, bem como auxiliar na organização de tutoriais de aprendizagem baseada em problemas e promover uma base para a discussão de situações interpessoais (PUNGENTE, WASAN, MOFFETT, 2002; AUSTIN, 2004a).

2.2- O PHARMACIST'S INVENTORY LEARNING STYLE (PILS)

Becker (2013) realizou uma revisão sistemática da literatura com estudos sobre estilos e estratégias de aprendizagem na área de Farmácia. Dentre eles havia um específico para avaliação na área de prática e educação farmacêuticas, o Pharmacist's Inventory Learning Style (PILS), sendo esse desenvolvido e validado por Austin, com base no modelo de aprendizagem experiencial de Kolb e no modelo de validação de construto de Merrit e Marshall (1984).

De acordo com Austin (2004a), o processo de desenvolvimento do PILS contou com diversas fases com o objetivo de garantir a integridade do instrumento. Como resultado dos

trabalhos dos grupos focais emergiram duas dimensões de aprendizagem com maior significância para os farmacêuticos: “ativos x reflexivos” e atuação em “ambiente estruturado x não-estruturado”, cuja a interseção destes dois eixos forma quatro quadrantes, semelhante ao modelo de estilos de aprendizagem de Kolb, e o cruzamento de características dessas dimensões determina a classificação em quatro estilos de aprendizagem: autor (*enactor*), produtor (*producer*), diretor (*director*) e criador (*creator*) como podem ser observados na Figura 2.

Segundo Austin (2004A), as pessoas ativas tem preferência por experimentar e aprender por tentativas e erros, diferente da reflexiva que prefere pensar mentalmente, para depois praticar. Já em relação ao ambiente de trabalho, quando não-estruturado correlaciona ao perfil de atitudes onde os resultados, prazos e processos não estão bem definidos, diferente do estruturado onde os mesmos estão bem delineados e estruturados

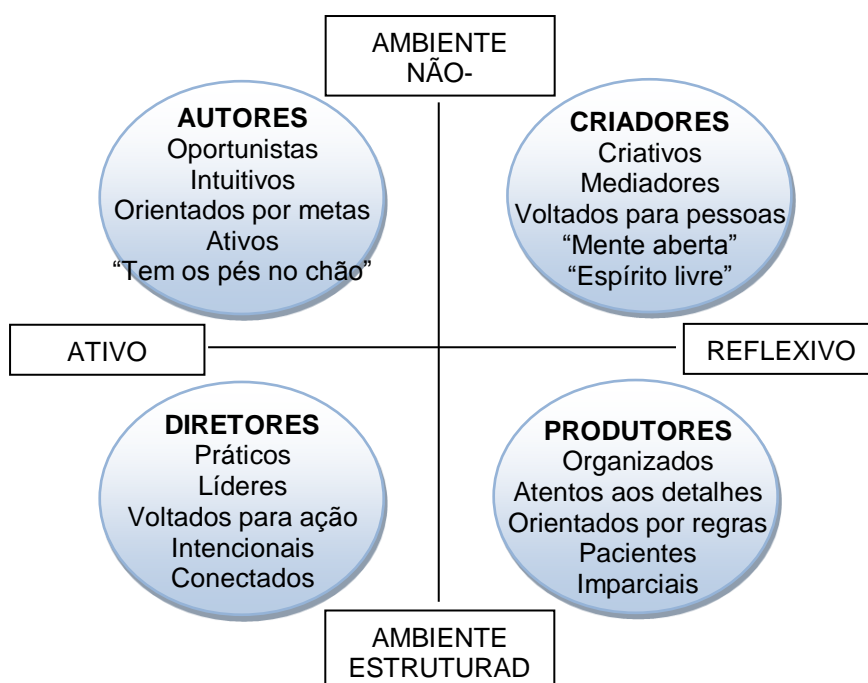


Figura 2. Tipologia do Pharmacist's Inventory Learning Style (PILS). Adaptado de Austin (2004a).

A avaliação das propriedades psicométricas do instrumento final foi realizada através da aplicação do mesmo em 48 farmacêuticos. A consistência interna apresentada pelo PILS foi

considerada adequada (α de Cronbach médio=0,88). A validade de construto avaliada através do coeficiente de correlação de Spearman indicou validade de grau moderado a alto. Apesar de ter sido utilizada uma amostra pequena de pessoas, o PILS foi considerado um instrumento aceitável, com validade e confiabilidade consideráveis para utilização no contexto da educação farmacêutica com o propósito de estimular a discussão e reflexão sobre os estilos de ensino e aprendizagem.

2.3- A ADAPTAÇÃO TRASNCULTURAL DO INSTRUMENTO PILS

A adaptação de um instrumento para outra linguagem é um processo complexo. Camargo (2007) define a adaptação transcultural como a elaboração de um instrumento adaptado para outra cultura com resultados equivalentes. Weissheimer (2007) enfatiza que para realizar uma adaptação de um instrumento de uma linguagem para outra, devem-se avaliar aspectos técnicos, linguísticos e semânticos, levando em consideração o idioma, o contexto cultural e o estilo de vida.

Dessa forma, (CARDOSO, 2015) desenvolveu o estudo de tradução e adaptação transcultural do instrumento PILS para o português do Brasil, de outubro de 2013 a junho de 2015. A proposta metodológica neste estudo obedeceu, em linhas gerais, a preconizada por Beaton et al. (2002), que compreende as seguintes etapas: tradução inicial, síntese das traduções, retrotradução, revisão pelo comitê de especialistas e estudo-piloto.

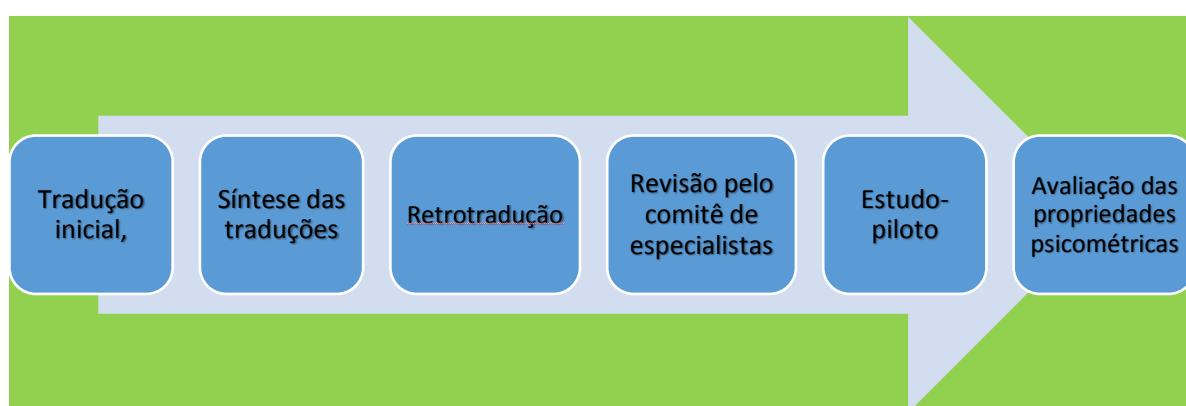


Figura 3. Procedimentos para adaptação transcultural do instrumento PILS. São Cristóvão, 2013.

Dessa forma, após traduzido e adaptado para realidade do Brasil, o PILS foi considerado um instrumento adequado ao contexto brasileiro, apropriado para a utilização como ferramenta

de identificação de estilos de aprendizagem e consequentemente ser uma ferramenta ideal para aprimorar o ensino da farmácia no país.

A parti desse processo e com a autorização de (CARDOSO, 2015), demos um passo a mais na avaliação das propriedades psicométricas desse instrumento. A ausência de qualquer um dos dois parâmetros principais – validade e confiabilidade – pode comprometer a fidedignidade do teste. Considerando o exposto, o presente trabalho de pesquisa tem como propósito avaliar as propriedades psicométricas da versão brasileira do instrumento “Pharmacists’ Inventory of Learning Styles” (PILS) através de um estudo piloto com os estudantes de farmácia de todo Brasil.

3- OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Avaliar a aplicabilidade do instrumento “questionário de identificação dos estilos de aprendizagem para farmacêuticos”: aos alunos de graduação em Farmácia do Brasil.

3.2-Objetivos específicos

- Caracterizar os estilos de aprendizagem dos estudantes de farmácia das cinco regiões brasileira (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste) através do PLIS.
- Mensurar a taxa de compreensão do instrumento pós traduzido e adaptado.

4- PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

4.1 Delineamento do estudo

Trata-se de uma pesquisa metodológica e aplicada de abordagem quantitativa. Segundo Polit, Beck e Hungler (2001) a pesquisa metodológica trata de métodos de obtenção, organização e análise de dados visando à elaboração, validação e avaliação de instrumentos e técnicas de pesquisa.

Os estudos metodológicos, de acordo com Lima (2011), visam à investigação de métodos para coleta e organização dos dados, tais como: desenvolvimento, validação e avaliação de ferramentas e métodos de pesquisa, o que favorece a condução de investigações com rigor acentuado.

A proposta metodológica neste estudo obedecerá, em linhas gerais, a preconizada por Beaton et al. (2000), que compreende as seguintes etapas: tradução inicial, síntese das traduções, retrotradução, revisão pelo comitê de especialistas, estudo-piloto e avaliação das propriedades psicométricas (figura 3).

A autorização para o processo de aplicação de PILS (anexo A) pós traduzido e adaptado para a versão brasileira foi obtida por meio de correio eletrônico junto a própria autora, (CARDOSO, 2015).

4.2 Adaptação transcultural do instrumento

Segundo Cardoso (2015), o processo de adaptação transcultural compreendeu cinco etapas: (i) duas traduções independentes, (ii) síntese das traduções, (iii) retrotradução, (iv) revisão pelo comitê de especialistas e (v) estudo-piloto. A versão pré final do instrumento foi aplicada em estudo piloto com 48 participantes, dentre estudantes de graduação em Farmácia (27,1%) e farmacêuticos (72,9%), havendo entre estes residentes (17,1%) e preceptores (20%).

4.3 Estudo-piloto

De acordo Beaton et al. (2000), o instrumento era para ser aplicada entre 30 e 40 estudantes de graduação de Farmácia. Como a versão pré-final foi aplicada somente com 13 estudantes de graduação em Farmácia que correspondeu 27,1% dos entrevistados no estudo por Cardoso (2015), ampliamos esse estudo utilizando uma amostra maior, delimitando as cinco

regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste), afim de verificar se os entrevistados entenderam o significado das questões e responderam adequadamente.

Para esse estudo, o questionário pós traduzido e adaptado foi transcrito para o formulário google Doc online com o caráter semi-aberto, isto é, estruturada com perguntas fechadas, com vista em responder as questões pontuais da pesquisa, e também por perguntas abertas, tanto para dar mais liberdade ao respondente, como também, para possibilitar o estudo qualitativo das questões, pois quando houvesse dúvida ou não entendido o significado das perguntas tinha que descrever no espaço indicado.

O questionário era dividido em 3 partes sendo a primeira uma breve apresentação inicial do que se tratava, como funcionava além do termo de consentimento e livre esclarecimento que tinha que ser poderia ser aceito ou não pelo respondente. A segunda parte do questionário se tratada dos dados sócios-demográficos. E por fim, as 17 questões do PLIS com alternativas fechadas e um espaço ao lado para descrever caso o respondente tivesse dúvida.

O google Docs online é uma ferramenta do buscador do google onde é possível criar e compartilhar documentos, planilhas, apresentações (slides), desenhos e formulários através da internet. Escolhemos ele justamente pela gratuidade e facilidade da tabulação dos dados, além da facilidade de compartilhar o questionário por diversas redes sociais, como: whatsapp, facebook, e-mail de universidades de todo o Brasil. Outro fator importante além dessa ferramenta é a facilita da organização das respostas, que nos fornece uma ficha resumo como também respostas em gráficos que possibilitam organização e praticidade dos resultados.

O instrumento foi avaliado em uma escala qualitativa. As questões com mais de 15% de respondentes com dúvidas ou que não entenderam o significado da afirmativa seria repassado para Cardoso (2015) para serem revistas pelo comitê de especialistas e reaplicadas em outros respondentes (CICONELLI et al., 1999).

4.4 Tratamento e análise dos dados

O tratamento estatístico dos dados desse estudo foi realizado por meio do próprio google formulário online, onde o mesmo extrai todas as respostas em gráficos e tabelas. A consistência interna do instrumento adaptado foi avaliada segundo método de porcentagem de concordância de entendimento de concordância, segundo fórmula a seguir:

$$\% \text{ concordância} = \frac{\text{número de participantes que concordam}}{\text{número total de participantes}} \times 100$$

A caracterização dos estilos de aprendizagem seguiu o modelo do questionário proposto por (AUSTIN, 2004a) no qual ele qualifica a cada item do questionário a um perfil de estilo podendo ser : A= autor; P= produtor; D= diretor e C= criador e assim definindo os estilos de aprendizagem de cada aluno avaliado.

Só lembrando que o PILS já foi validado dentro do contexto da educação farmacêutica e considerado um instrumento aceitável, com validade e confiabilidade e consistência interna adequada (α -de Cronbach médio =0,88) (AUSTIN, 2004a).

4.5 Aspectos éticos

O projeto procura atender os preceitos bioéticos preconizados pelo Conselho Nacional de Saúde e contidos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Será assegurado aos sujeitos da pesquisa o direito à confidencialidade, não maleficência e autonomia através da aplicação de um termo de consentimento livre e esclarecido -TCLE (apêndice A).

O projeto de pesquisa foi cadastrado no SISNEP e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP-UFS) mediante o parecer nº CAAE 26380414.5.0000.5546. Seguindo a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012), que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, todos os sujeitos envolvidos no estudo (juízes e participantes do estudo-piloto) assinaram os Termos de Consentimento Livre Esclarecido.

5-RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste estudo, o processo de adaptação transcultural do instrumento Pharmacist's Inventory of Learning Styles - PILS foi conduzido seguindo a metodologia recomendada por Beaton e colaboradores (2000). Eles recomendam a aplicação da versão pré-final em uma amostra de 30 a 40 pessoas da população-alvo. Esta etapa tem a finalidade de corrigir as incongruências possíveis de significado, além de detectar erros e confirmar se as perguntas eram compreensíveis (Beaton, 2000; Gasparino, 2009; Lino, 2008). Dessa forma participaram do estudo piloto (n=122) alunos de graduação em farmácia de todo o Brasil.

Como o nosso foco foi a aplicação do estudo-piloto, também denominado de pré-teste, foi fundamental para pesquisa, que a população alvo entrasse em contato com as questões, afim do pesquisador verificar se a tradução da escala pode ser entendida e interpretada corretamente pelos sujeitos. Segundo pesquisadores o pré-teste pode, além de possibilitar ajustes e detecção de incoerências, pode aumentar a validade do instrumento (Windelfet et al., 2005).

Os participantes do estudo-piloto foram 122 alunos do curso de farmácia das cinco sub-regiões do Brasil, sendo (n=84; 68,9%) do Nordeste, (n=16; 13,1%) do Norte, (n=10; 8,2%) Centro-Oeste, (n=7; 5,7%), Sudeste e (n=5; 4,09%) Sul, sendo que a maioria dos estudantes entrevistados foram do sexo feminino n=80 (65,6%).

Sobre o aspecto período do curso em que os alunos da pesquisa estão cursando, percebemos que houve uma variação geral do semestre em que eles se encontraram, sendo um fator positivo para a pesquisa, pois em termos de análise do PILS, a avaliação das perguntas do questionário não sobrecarregou somente um perfil de alunos (figura 4).

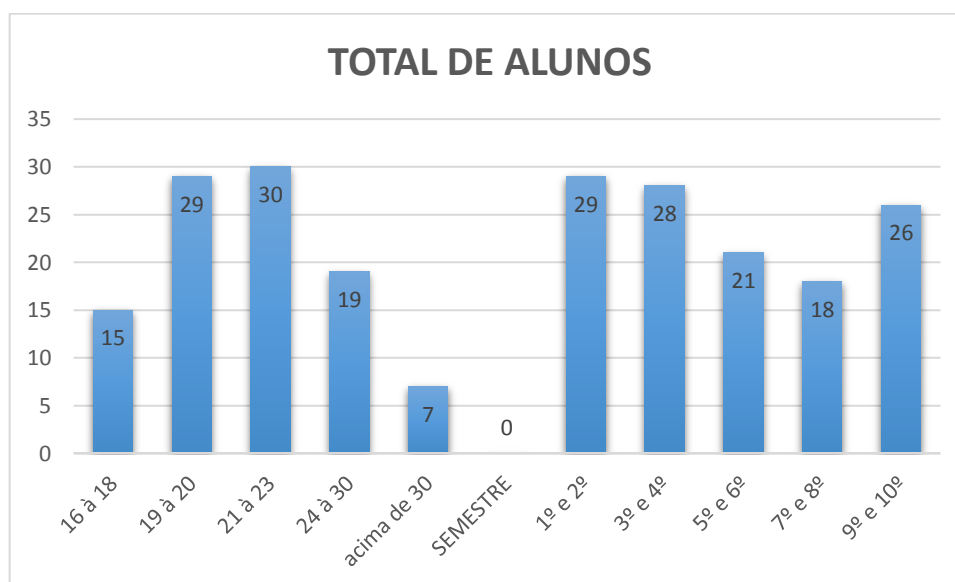


Figura 4- Gráfico perfil dos alunos por semestre e idade do estudo-piloto

Além disso, sobre o aspecto faixa etária dos entrevistados, foi visto que a maioria dos se encontraram em sua entre 20 a 30 anos, perfazendo cerca de 78% do total dos respondente, como visto na figura 4.

Assim, participaram do estudo-piloto uma diversidade de participantes que representa a população-alvo do instrumento.

Foi elaborada para esta etapa uma versão do instrumento que incluía as instruções de preenchimento, os itens e um campo denominado “não entendi a pergunta” que deveria ser destacado caso o respondente tivesse dúvidas ou não compreendesse a situação explicitada. Foi inserido também um campo “Comentários” para que os participantes pudessem solicitar algum esclarecimento ou incluir sugestões.

O instrumento foi considerado de fácil compreensão e preenchimento pelos participantes, indicando que as adequações empreendidas foram satisfatórias. Houveram apenas três destaques no campo “não entendi a pergunta”. Um respondente considerou que o item 1 “Eu prefiro observar os outros antes de tentar praticar sozinho (a).” não estava claro, porém não registrou sugestões. O mesmo ocorreu para o item 7 “Eu gosto de examinar as coisas mais de perto ao invés de encará-las de vez”, onde 6 alunos também não registraram sugestões.

O maior destaque deu-se para o item 7 onde um aluno afirmou que “A questão é confusa. Significa se debruçar em um tópico antes de avançar no assunto? Encarar de vez é não ter medo de ir mesmo sem segurança no assunto?”, onde é nítido que o aluno não correlaciona a questão inicial do questionário “Quando estou tentando aprender algo novo” fugindo do entendimento do respondente.

É importante destacar que nenhum dos 17 itens que compõem o instrumento foi destacado por mais de 15% dos respondentes quanto a sua clareza.

Sobre a caracterização dos estilos de aprendizagem através deste estudo piloto, verificou-se que 52% dos respondentes (n=64) tiveram assimilador como estilo dominante, sendo seguido pelo estilo convergente (24%; n=30), divergente (9%; n=11) e acomodador (2%; n=2). Destaca-se que 15 pessoas obtiveram maioria predominante em dois estilos (assimilador-convergente=7; assimilador-divergente=6; nenhum estilo=2). (Figura 6).

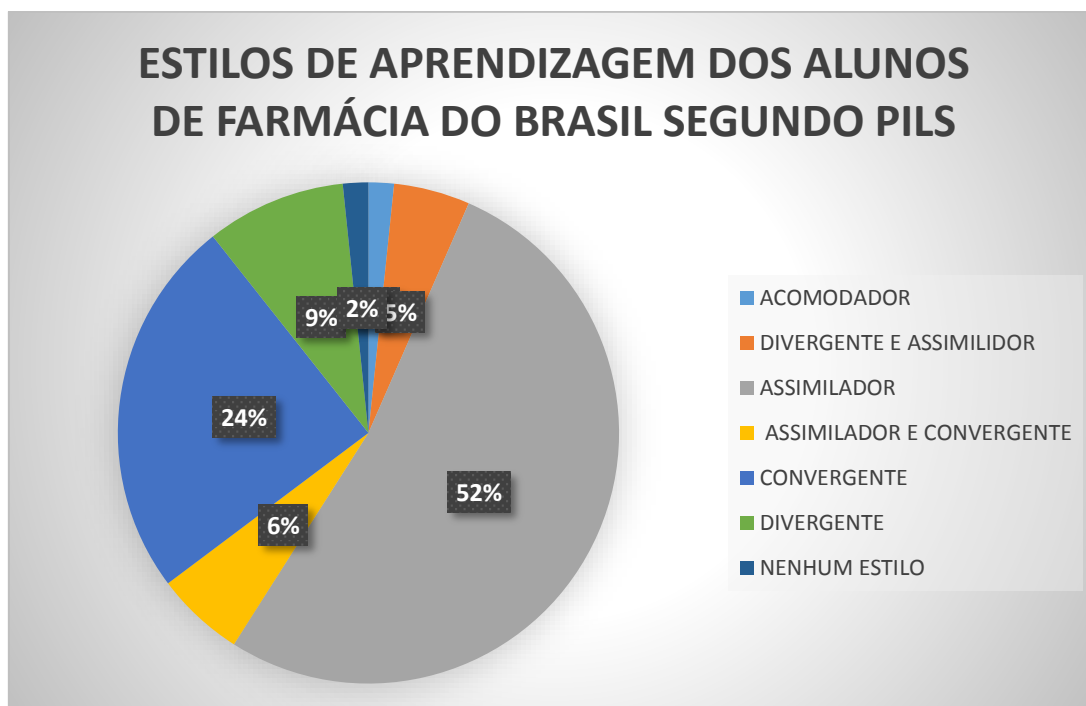


Figura 6- estilos de aprendizagem dos anos de Farmácia do Brasil segundo o PILS

Percebemos que o nosso estudo teve similaridades aos estudos que utilizaram o PILS na identificação dos estilos de aprendizagem, como o de Austin (2004b) avaliou 166 farmacêuticos canadenses: 33,7% foram identificados como assimiladores, 32,5% como convergentes, 21,1% como divergentes e 12,1% como acomodadores. Estudos (Crawford et al., 2012; Robles et al.; 2012; Loewen, Jelescu-Bodos, 2013) desenvolvidos com estudantes de farmácia, farmacêuticos residentes, professores e preceptores de cursos de Farmácia também encontraram resultados semelhantes, verificando uma maioria de assimiladores e convergentes.

Por fim, não foi verificada associação entre as variáveis sociodemográficas e socioeducacionais e as preferências por estratégias de aprendizagem na amostra de alunos que responderam o PILS. A mesma forma a aplicação de tratamento estatístico não demonstrou qualquer associação entre o período de curso, sexo e a preferência por algum estilo de aprendizagem.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de adaptação transcultural do instrumento Pharmacist's Inventory of Learning Styles – PILS a realidade brasileira foi um importante passo para as adequações culturais seguindo uma série de cuidados e severidades metodológicas, com a finalidade de garantir as características da versão original e suas equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual.

Sabemos que todas as etapas do processo da adaptação do PILS foram importantes, ao passo que o estudo piloto é processo decisivo, que pode revelar falhas, que, muitas vezes, não estão aparentes no plano da pesquisa. Dessa forma, o estudo piloto permitiu testar o instrumento com 122 alunos de graduação em farmácia das cinco sub-regiões do Brasil, garantindo uma diversidade de participantes que representa a população-alvo do instrumento, mostrando-se uma avaliação generalizada, já que permitiu o pesquisador chegar aos diferentes contextos de alunos de farmácia.

O instrumento foi considerado de fácil compreensão e preenchimento pelos participantes, indicando que nenhum dos 17 itens que compõem o instrumento foi destacado por mais de 15% dos respondentes quanto a sua clareza. Dessa forma, mostrou-se um instrumento aplicável no contexto brasileiro e compreensível pelos participantes do estudo-piloto, através da metodologia de Beaton et. al (2002), cumprindo-se a etapa crucial para disponibilizar mais uma vez um instrumento válido a identificação dos estilos de aprendizagem, que pode ser utilizado para promover discussão e proporcionar melhorias no ensino e aprendizagem no âmbito da educação farmacêutica nacional.

Sobre a caracterização dos estilos de aprendizagem deste estudo piloto, estudos como esses poderiam contribuir como estratégia de incentivo para discussão sobre ensino e aprendizagem (Austin, 2004a) para o maior entendimento deste campo de estudo, do mesmo modo que possibilitaria à instituição de ensino e ao professor, desenvolverem um projeto pedagógico, atividades de ensino e situações didáticas que considerassem os diversos estilos de aprendizagem presentes na sala de aula.

Enfatizamos que o processo de adaptação cultural assegura apenas a validade de conteúdo, devendo ser realizados testes adicionais para a avaliação das propriedades psicométricas dos itens, como confiabilidade, por meio da avaliação da estabilidade (teste-reteste) e validade convergente deverão ser realizados.

7-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, T. **Notas sobre a “validação” de instrumentos de medida em Psicologia.** 2011. Disponível em: <<http://psicometrista.blogspot.com.br/2011/06/notas-sobre-validação-deinstrumentos.html>>. Acessado em: 19 set 2012.

AUSTIN, Z. Development and validation of the Pharmacists' Inventory of Learning Styles (PILS). **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia, v. 68, n. 2, artigo 37, 2004a.

AUSTIN, Z. Learning styles of pharmacists: impact on career decisions, practice patterns and teaching method preferences. **Pharmacy Education**, v. 4, n. 1, p. 13-22, 2004b.

BARBERIO, J. C. Evolução da profissão farmacêutica nos últimos 40 anos. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. i-iv, 2005.

BARTALO, L. **Estratégias de estudo e aprendizagem de alunos universitários: learning and study strategies inventory (LASSI) adaptação e validação para o Brasil.** 2006. 213f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2006.

Beaton DE, Bombardier C, Guillemin F, Ferraz MB. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*. 2000;25(24):3186-91.

Beaton DE, Bombardier C, Guillemin F, Ferraz MB. Recommendations for the cross-cultural adaptation of healthy status measures. American Academy of Orthopaedic Surgeons Institute for Work & Health. 2002.

BECKER, P. **Caracterização dos estilos e estratégias de aprendizagem dos estudantes do curso de farmácia da UFS – Campus São Cristóvão.** 2013. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2013.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 2, de 19 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Seção 1, p. 9. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES022002.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

BRASIL. Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais – INEP. Ministério da Educação - MEC. **Censo dos Cursos de Farmácia.** 2012.

CAMARGO, F. F. O. **Adaptação transcultural e avaliação das propriedades psicométricas da Falls Efficacy Scale – internacional: um instrumento para avaliar medo**

de cair em idosos. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CARDOSO, G. C. Tradução e adaptação transcultural do instrumento “pharmacists’ inventory of learning styles” (pils) para aplicação na realidade brasileira. São Cristóvão, 2015

CARDOSO, I. Aspectos transculturais na adaptação de instrumentos de avaliação psicológica. **Interacções**, n. 10, p. 98-112, 2006.

CASSIDY, S. Learning styles: an overview of theories, models, and measures. **Educational Psychology**, Washington, v. 24, p. 419-444, 2004.

CEBRIÁN, A. A.; GARCIA, M. D. M. Tamaño y selección de muestras en poblaciones finitas. **Pharmaceutical Care España**, v. 2, p. 310-20, 2000.

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em universitários**. 2000. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CICONELLI, R. M. et al. Tradução para a língua portuguesa e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida SF-36 (Brasil SF-36). **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 39, n. 3, 1999.

COFFIELD, F. et al. **Learning styles and pedagogy in post-16 learning**: A systematic and critical review. London: Learning and Skills Research Centre, 2004. 173p.

CRAWFORD, S. Y.; ALHREISH, S. K.; POPOVICH, N. G. Comparison of learning styles of pharmacy students and faculty members. **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia , v. 76, n. 10, Article 192, 2012.

FELDER, R. M.; SILVERMAN, L. K. Learning and Teaching Styles in Engineering Education. **Engineering Education**, York, v. 78, n. 7, p. 674- 681, 1988.

GUILLEMIN, F. Cross-cultural adaptation and validation of health status measures. **Scandinavian Journal of Rheumatology**, v. 24, n. 2, p. 61-63, 1995.

JESUS, E. M. S. **Desenvolvimento e validação de conteúdo de um instrumento para avaliação da assistência farmacêutica em hospitais de Sergipe**. 2013. 149f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

KEEFE, J et al. **Student learning styles brain behavior**: programs, instrumentation, research. Reston. V. A.: National Association of Secondary School, 1988.

KEATING, X. D. et al. Cross-cultural validation of stages of exercise change scale among Chinese college students. **European Physical Education Review**, v. 11, n. 1, p. 71-83, 2005.

KOLB, A. Y.; KOLB, D. A. A review of multidisciplinary application of experiential learning theory in higher education. In: SIMS, R; SIMS, S. **Learning styles and learning: a key to meeting the accountability demands in education**. Nova Publishers: Cleveland, 2005. p. 1-80.

KOLB, D. A. **Experimental learning: experience as the source of learning and development**. Prentice-Hall, Englewood Cliffs: New Jersey, 1984.

KOLB, D. A.; BOYATZIS, R. E.; MAINEMELIS, C. Experiential learning theory: previous research and new directions. In: STERNBERG, R. J.; ZHANG, L. F. (orgs.). **Perspectives on cognitive, learning, and thinking styles**. NJ: Lawrence Erlbaum, 2000.

KNAFL, G. J.; GREY, M. Factor analysis model evaluation through likelihood cross-validation. **Statistical Methods in Medical Research**, v. 16, p. 77–102, 2007.

LIMA, D. V. M. Desenhos de pesquisa: uma contribuição ao autor. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 10, n. 2, 2011.

LINO, V. T. S. et al. Adaptação transcultural da Escala de Independência em Atividades da Vida Diária (Escala de Katz). **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 103-112, 2008.

LOISELLE, C.G.; COSSETTE, S. Cross-Cultural Validation of the Toronto Alexithymia Scale (TAS-20) in U.S. and Peruvian Populations. **Transcultural Psychiatry**, v. 38, n. 348, 2001.

LOPES, W. M. G. **ILS - Inventário de estilos de aprendizagem de Felder-Soloman**: investigação de sua validade em estudantes universitários de Belo Horizonte. 2002. 85f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

LORANDI, P. A. A prática docente na construção dos saberes do profissional farmacêutico. **Revista Eletrônica PESQUISEDUCA**, Santos, v. 4, n. 8, p. 378-390, 2012.

MATTAR, João. Games em educação: como os nativos digitais aprendem. 1 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MACHADO, C. S. et al. Estilos de Aprendizagem - uma abordagem utilizando o ILS - Index of Learning Styles. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 21, 2001. **Anais...** Salvador: ABEPRO, 2001.

MENDONÇA, K. M. P. P.; GUERRA, R. O. Desenvolvimento e validação de um instrumento de medida da satisfação do paciente com a fisioterapia. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 5, p. 369-376, 2007.

MERRITT, S. L.; MARSHALL, J. C. Reliability and construct validity of alternate forms of the CLS Inventory. **Advances in Nursing Science**, v. 7, p. 78-85, 1984.

MORAES, M. C. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, v. 01, p. 57-69, 1996.

PASHLER, H. et al. Learning styles: concepts and evidence. **Psychological Science in the Public Interest**, Washington, v. 9, n. 3, p. 105-119, 2008.

PASQUALI, L. **Psicometria**: teoria dos testes na psicologia e educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

PASQUALI, L. Psicometria. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v. 43, p. 992-999, 2009.

PILATTI, L. A.; PEDROSO, B.; GUTTIERREZ, G. L. Propriedades psicométricas de instrumentos de avaliação: um debate necessário. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 81-91, 2010.

PIMENTEL, A. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de psicologia**, Natal, v.12, n. 2, p. 159-168, 2007.

POIRIER, T. I.; SANTANELLO, C. R.; GUPCHUP, G. V. A student orientation program to build a community of learners. **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia, v. 71, n. 1, Article 13, 2007.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Essentials of nursing research: methods, appraisal and utilization**. London: Lippincott Williams & Wilkins, 2001.

PUNGENTE, M. D.; WASAN, K. M. ; MOFFETT, C. Using learning styles to evaluate first-year pharmacy students' preferences toward different activities associated with the problem-based learning approach. **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia, v. 66, p. 119-124, 2002.

ROBLES J, COX CD, SEIFERT CF. The impact of preceptor and student learning styles on experimental performance measures. **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia , v. 76, n. 7, Article 128, 2012.

ROMANELLI, F.; BIRD, E.; RYAN, M. Learning styles: a review of theory, application, and best practices. **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia, v. 73, n. 1, artigo 9, 2009.

SANTOS, G. E. O. **Cálculo amostral**: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acessado em: 20 nov 2013.

SILVA, G. O. L.; WECHSLER, S. M. Estilos de aprendizagem: análise de produção científica brasileira. **Revista Estilos de Aprendizagem**, Madri, v. 5, n. 5, p. 146-159, 2010.

SILVA, L. L. V. **Estilos e estratégias de aprendizagem de estudantes universitários**. 2012. 125f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, W.B.; DELIZOICOV, D. Problemas e problematizações: implicações para o ensino dos profissionais da saúde. **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**, v.1, n.2, p 14-28, 2008.

SOBRAL, D. T. Inventário de estilo de aprendizagem de Kolb: características e relação com os resultados de avaliação no ensino pré-clínico. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 8, n. 3, p. 293-303, 1992.

TEEVAN, C. J.; LI, M.; SCHLESSELMAN, L. S. Index of Learning Styles in a U.S. School of Pharmacy. **Pharmacy Practice**, v. 9, n. 2, p. 82-87, 2011.

TSANG, H. W. H.; WONG, A. Development and validation of the chinese version of Indiana Job Satisfaction Scale (CV-IJSS) for people with mental illness. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 51, n. 177, 2005.

VENTURELLI J. **Educación médica: nuevos enfoques, metas y métodos.** 2ª ed. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud/Organización Mundial de la Salud; 2003.

VIANA, H. B.; MADRUGA, V. A. Diretrizes para adaptação cultural de escalas psicométricas. **Efdeportes – Revista Digital**, Buenos Aires, v. 12, n. 116, 2008.

WALLMAN, A. et al. Factors associated with reflection among students after an Advanced Pharmacy Practice Experience (APPE) in Sweden. **American Journal Pharmaceutical Education**, Columbia , v. 73, n. 6, Article 107, 2009.

WEISSHEIMER, A. M. **Tradução, adaptação transcultural e validação para uso no Brasil do instrumento Prenatal Psychosocial Profile.** 2007. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O objetivo deste documento é solicitar o seu consentimento em participar voluntariamente da pesquisa intitulada “Avaliação das propriedades psicométricas da versão brasileira do instrumento Pharmacists’ Inventory of Learning Styles - PILS”. Esse estudo tem como objetivos a adaptação transcultural do PILS, um instrumento de identificação de estilos de aprendizagem e, posteriormente, análise de sua validade e confiabilidade, como forma de garantir a qualidade da medida e segurança nos resultados obtidos.

A pesquisa está sendo realizada pelo aluno do curso de Farmácia Alex Ribeiro de Souza, pela farmacêutica Ma. Geovanna Cunha Cardoso e, sob a orientação do Prof. Dr. Wellington Barros da Silva da Universidade Federal de Sergipe.

Os benefícios relacionados com a sua participação são de que esta pesquisa tem por maior finalidade fornecer um instrumento que contribua com a discussão e reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem dos cursos de Farmácia do Brasil.

Os riscos relacionados com sua participação, como: possibilidade de divulgação de dados pessoais e/ou relacionados com as respostas do questionário, o que poderia causar algum tipo de dano moral ou represália, são mínimos, pois as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, se formos utilizar o nome será utilizando outro identificador, como letras e números, do mesmo modo, as respostas dadas não apresentarão os nomes dos estudantes.

Ressaltamos ainda que a sua participação é totalmente voluntária e você poderá retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalização ou prejuízo. Caso esteja de acordo em participar, pedimos a sua assinatura em duas cópias deste documento: uma ficará com você e a outra ficará com a equipe de pesquisa.

Esperando contar com a sua participação, agradecemos antecipadamente a sua valiosa colaboração neste trabalho.

() ESTOU CIENTE E DE ACORDO COM OS TERMOS SUPRACITADOS.

() NÃO ESTOU DE ACORDO E NÃO ACEITO OS TERMOS.

Pesquisador: Alex Ribeiro de Souza
Tel-799126-2236//<http://lattes.cnpq.br/3237481626926470>

Co-Orientadora Ma.Geovanna Cunha Cardoso
Silva
Tel:79-9132-5432//geovannacunha@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wellington Barros da
Silva
Tel:79-9122-9135//wbarrosdasilva@gmail.com

Endereço institucional: Universidade Federal de Sergipe; Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas; Departamento de Farmácia localizado na Avenida Marechal Rondon, sem número, Jardim Rosa Elze, CEP 49100-000.

ANEXO A

Questionário de Identificação dos Estilos de Aprendizagem para Farmacêuticos

Pense sobre algumas situações recentes nas quais você teve que aprender algo novo para resolver um problema. Estas podem ser qualquer tipo de situação: enquanto você estava na universidade ou quando estava aprendendo a usar um novo software ou tentando descobrir como montar uma churrasqueira.

Agora, circule a letra na coluna que caracteriza o que melhor funciona para você em situações como aquelas em que você havia pensado.

Caso o item não esteja claro ou não tenha entendido, marque um X no campo “Item não está claro” e escreva comentários e/ou sugestões.

Quando eu estou tentando aprender algo novo...	Frequen- temente	As vezes	Rara- mente	Difícil- mente
1 Eu prefiro observar os outros antes de tentar praticar sozinho (a) () Item não está claro. Comentários:	B	D	C	A
2 Eu gosto de consultar primeiro um manual, livro ou um guia de instrução. () Item não está claro. Comentários:	B	C	D	A
3 Eu prefiro trabalhar sozinho (a), ao invés de trabalhar com outras pessoas. () Item não está claro. Comentários:	A	C	B	D
4 Eu gosto de fazer anotações ou escrever coisas enquanto estou aprendendo. () Item não está claro. Comentários:	B	C	D	A
5 Eu sou crítico (a) comigo mesmo (a), se as coisas não funcionarem da maneira que eu esperava. () Item não está claro. Comentários:	B	C	D	A
6 Eu geralmente me comparo a outras pessoas só para saber se estou no mesmo nível. () Item não está claro. Comentários:	B	D	C	A
7 Eu gosto de examinar as coisas cuidadosamente ao invés de encará-las de uma vez. () Item não está claro. Comentários:	B	D	C	A

8 Eu produzo mais quando estou sob pressão. () Item não está claro. Comentários:	C	A	B	D
9 Eu gosto de ter bastante tempo para pensar antes de tentar algo novo. () Item não está claro. Comentários:	D	B	C	A
10 Eu presto bastante atenção aos detalhes. () Item não está claro. Comentários:	B	C	A	D
11 Eu me concentro em melhorar as coisas que fiz errado no passado. () Item não está claro. Comentários:	C	A	D	B
12 Eu foco em reforçar as coisas que fiz certo no passado. () Item não está claro. Comentários:	B	D	A	C
13 Eu gosto de mostrar gratidão à pessoa que está me ensinando. () Item não está claro. Comentários:	D	B	A	C
14 Eu confio na minha intuição. () Item não está claro. Comentários:	D	C	A	B
15 Em um grupo, eu sou normalmente o (a) primeiro (a) a terminar qualquer atividade que estivermos fazendo. () Item não está claro. Comentários:	A	C	D	B
16 Eu gosto de assumir o controle da situação. () Item não está claro. Comentários:	C	A	B	D
17 Eu sou bem organizado (a). () Item não está claro. Comentários:	B	A	C	D

